



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**FACULDADE DE COMUNICAÇÃO**  
**HABILITAÇÃO EM PRODUÇÃO EM COMUNICAÇÃO E CULTURA**

**LUCIANA SOUZA DOS SANTOS**

**Parque São Bartolomeu, Subúrbio Ferroviário de Salvador:  
uma análise da relação entre cultura e meio ambiente.**

Salvador

2016.2

**LUCIANA SOUZA DOS SANTOS**

**Parque São Bartolomeu, Subúrbio Ferroviário de Salvador:  
uma análise da relação entre cultura e meio ambiente.**

Monografia apresentado ao curso de graduação em Comunicação Social –Produção em Comunicação e Cultura, Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção de grau de bacharel em Comunicação com habilitação em Produção em Comunicação e Cultura.

Prof(a) Orientador(a): José Roberto Severino

Salvador

2016.2

**BANCA EXAMINADORA**

---

**José Roberto Severino**

---

**Carlos Paiva**

---

**Leonardo Costa**

## **Agradecimento**

A minha caminhada junto a grupos de jovens me mostrou que Deus é a fonte do amor consolador. Então primeiramente agradeço a Deus por me proporcionar ter a coragem de seguir em busca de tudo o que acredito.

A meu pai 'Maro' e ao meu mano Fasto vocês são a razão da minha vida.

A minha irmã Cristina pela oportunidade de vivermos o presente.

Ao grupo Kairós pela amizade construída e consolidada, sozinhos somos bons, mas juntos somos melhores.

Agradeço ao professor Beto Severino por despertar ainda mais em mim a vontade de estudar temas ligados ao patrimônio imaterial e patrimônio histórico. Como tutor da Agência Experimental de Comunicação e Cultura e do ACCS Memória Social: audiovisual e identidade ele me proporcionou conhecer outras fontes de saberes, a importância da história oral foi uma delas, sendo assim sou grata pela oportunidade de participar de ambos os projetos que foram fundamentais na minha formação durante os anos de graduação.

Para realização deste projeto em especial, agradeço a colaboração de Eliana Nascimento e Roberto Nascimento pela generosidade em partilhar informações da região do Subúrbio Ferroviário e, principalmente sobre o Parque São Bartolomeu.

A Suane Mendonça, moradora da região que no ano de 2010 escreveu um livro reportagem intitulado de Morada Sagrada - Histórias e Lembranças do Parque São Bartolomeu. O livro reportagem compôs os requisitos para obtenção de grau de bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Faculdade Dois de Julho.

Aos NORMAIS, composto por Jéssica Ribeiro, Jéssica Santos, Laís Lopes, Liz Santana, Luciano Marins e Renato Almeida, formamos um grande time. A Facom não seria a mesma sem a companhia de vocês. Aos amigos da Gerco - Gerência de Comunicação da Companhia de Gás da Bahia. Os dois anos que estagiei com vocês foram fundamentais para meu crescimento profissional. Obrigada por tudo!

*É a vida, em ebulição de acertos e desacertos,  
que transforma o espaço físico em “lugar”, isto é,  
território investido pela alma e o corpo do homem,  
com seu banco de memória e sua prospectiva,  
sabedoria inventariada e tensão para o futuro imprevisível.  
Uma coisa é certa: o homem não morre de todo onde assistiu e amou.*

*D. Timóteo Amoroso Anastácio, OSB.*

## RESUMO

A presente monografia tem como objeto de análise o Parque São Bartolomeu, localizado no Subúrbio Ferroviário de Salvador, com vista a compreender a relação entre cultura e meio ambiente nas rotinas, manifestações e atividades dos moradores da região, levando em consideração as noções de políticas culturais, patrimônio cultural e social. O Parque São Bartolomeu é considerado uma das últimas reservas da Mata Atlântica em área urbana no Brasil. Sua importância histórica é indiscutível, a região foi morada dos índios tupinambás e posteriormente virou quilombo para os escravos fugidos dos engenhos de açúcar.

Palavras-chave: Memória; Políticas Culturais; Patrimônio Histórico; Subúrbio Ferroviário; Parque São Bartolomeu.

## ABSTRACT

This monograph aims to analyze the São Bartolomeu Park, located in the Suburb Railroad of Salvador, in order to understand the relationship between culture and the environment in the routines, manifestations and activities of the residents of the region. Taking into account the notions of cultural policies, Cultural and Social Heritage. The São Bartolomeu Park is considered one of the last reserves of the Atlantic Forest and urban area in Brazil. Its historical importance is indisputable, the region was inhabited by the Tupinamba Indians and later became a quilombo for the escaped slaves of sugar mills.

Keywords: Memory; Cultural Policies; Historical Patrimony; Railway Suburb; St. Bartholomew's Park.

## Lista de Ilustrações

Figura 1 – Mapa do Parque São Bartolomeu _____	16
Figura 2 - Reportagem Parque é Santuário dos Orixás _____	19
Figura 3 - Reportagem Paraíso Desconhecido _____	20
Figura 4 - Rio do Cobre – Parque São Bartolomeu _____	21
Figura 5 - Passeio Público (Rio de Janeiro) _____	28
Figura 6 - Cartaz de Divulgação _____	33



## Sumário

1. Introdução _____	09
2. Sobre Algumas Ausências _____	13
3. Subúrbio Ferroviário de Salvador _____	15
4. Parque São Bartolomeu: contexto sociocultural e histórico _____	16
4.1 Paraíso Desconhecido: Mata Atlântica, rios, cachoeiras e as práticas do candomblé _____	20
4.2 Decreto de Criação Lei _____	23
4.3 Grupos e Movimentos Sociais _____	24
5. Diagnóstico Contemporâneo _____	26
5.1 Gestão de Parques _____	28
6. O Parque que Queremos _____	32
7. Considerações Finais _____	35
8. Referências _____	37
9. Anexos _____	41

## 1. Introdução

No intuito de demonstrar a importância histórica da memória como bem simbólico, de modo especial para a comunidade do Subúrbio Ferroviário de Salvador, como fonte de conhecimento e identidade cultural, surgiu como objeto de análise às políticas culturais em torno do Parque São Bartolomeu, localizado no Subúrbio Ferroviário de Salvador entre os bairros de São João do Cabrito e Pirajá (são vários bairros de Plataforma a Águas Claras, passando por, Ilha Amarela, Alto da Terezinha, Rio Sena, Pirajá e Fazenda Coutos). O interesse em estudar as políticas culturais, patrimônio imaterial e cultural desenvolveu-se na Agência Experimental de Comunicação e Cultura, instância da Faculdade de Comunicação/UFBA e na ACCS Memória Social: audiovisual e identidades, ambos os projetos orientados pelo professor José Roberto Severino.

O projeto desenvolvido pela instância era o Observatório da Cultura Popular e, como bolsistas, tínhamos que mapear os grupos culturais de Salvador e região metropolitana. A partir dessa experiência foi possível conhecer vários grupos e espaços culturais do Subúrbio Ferroviário, dentre eles Periperi, Plataforma, São João do Cabrito e vários outros. O contato com os grupos e ponto de cultura foi muito relevante para minha formação acadêmica, pois possibilitaram uma conscientização acerca da lacuna ainda presente entre o saber “acadêmico” e o “saber popular”.

No artigo Saberes de Hoje: disseminações, competências e transversalidades o escritor Jesus Martin-Barbero diz o seguinte.

Do ponto de vista histórico, o conhecimento está preenchendo um lugar que ocuparam, primeiro, a força muscular humana e, mais tarde, as máquinas. Isso significa que, no estrato, mas profundo da atual revolução tecnológica (comunicacional), o que encontramos é uma mutação nos modos de circulação de saberes, o qual sempre foi uma fonte chave de poder e que, até há pouco tempo, havia conservado seu caráter de ser, ao mesmo tempo centralizado territorialmente, controlado através de certos dispositivos técnicos e associados a certas figuras sociais muito especiais. Daí que as transformações nos modos como o saber circula constituam uma das mais profundas mutações que uma sociedade pode sofrer. (MARTIN-

Já o ACCS Memória Social: audiovisual e identidades foi desenvolvido em Acupe, distrito de Santo Amaro da Purificação, localizado na região do Recôncavo Baiano. Os ACCS são atividades curriculares em comunidade e sociedade e constituem-se numa proposta de trabalho interdisciplinar da Faculdade de Comunicação/UFBA e multidisciplinar, pois reúne várias disciplinas em busca de um objetivo comum, tendo parceria com o Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura – CULT/UFBA, com o objetivo de desenvolver ações educativas integradas voltadas às necessidades básicas de comunicação, informação e educação. A importância da memória social surgiu a partir das viagens para o distrito de Acupe. A ACCS possibilitou aos estudantes, professores e monitores realizarem trabalhos em equipes com ênfase na comunidade, além de oportunizar a discussão de temas relacionados à história e memória local.

O Parque São Bartolomeu é um símbolo de luta para o povo baiano, considerado a única reserva da Mata Atlântica em área urbana do Brasil. Segundo Serpa (1998), os primeiros habitantes e usuários do Parque São Bartolomeu foram os índios Tupinambás, um dos povos pertencentes ao grupo Tupi – Guarani. Também abrigou escravos fugitivos que neste local encontraram proteção e refúgio, organizando - se por volta de 1826 no chamado Quilombo do Urubu.

O Quilombo do Urubu foi combatido no século XIX, e compreende hoje a região do Parque São Bartolomeu e o bairro de Pirajá e teve uma importante personagem feminina conhecida como Negra Zeferina, líder do Quilombo onde abrigavam escravos fugidos.

A presente pesquisa intitulada: "Parque São Bartolomeu, Subúrbio Ferroviário de Salvador: uma análise entre cultura e meio ambiente" pretende analisar períodos que vai dos anos 70, ano de criação através do decreto 5.363 da Prefeitura Municipal de Salvador, período de abandono e sua revitalização iniciada no ano de 2012.

O Parque São Bartolomeu nasceu em um lugar marcado por grandes lutas e

traz consigo uma carga significativa da memória e história do povo baiano, sendo inicialmente terras dos primeiros índios, posteriormente local de resistência dos escravos e também local de culto à religião africana e indígena. Por muitos anos ficou abandonado pelas autoridades políticas da cidade de Salvador, tornando-se um local inseguro para população local. Desta forma, a proposta é provocar uma reflexão sobre a importância da existência e preservação de espaços culturais em locais periféricos da cidade de Salvador e, para isso, foi realizada pesquisa de campo, bibliográfica, documental e, sobretudo entrevistas com grupos e pessoas que sabem um pouco sobre a história do parque.

O objetivo desse projeto é propor uma reflexão sobre a utilização e preservação dos espaços públicos em bairros periféricos de Salvador, tendo como objeto de estudo as políticas culturais do Parque São Bartolomeu, localizado no Subúrbio Ferroviário de Salvador. Criado em 28 de abril 1978 pelo decreto municipal nº 5.363, o parque é considerado uma das maiores reservas de Mata Atlântica em área urbana do Brasil.

A região onde o parque está localizado foi palco de importantes episódios da história da Bahia e é considerado um espaço de diversidade étnica e cultural, pois abrigou em períodos distintos índios e escravos fugidos. Os índios tupinambás foram os primeiros a habitarem o parque, tribo pertencente ao grupo Tupi-guarani que, no século XVI povoaram todo o país. A floresta do Urubu (nome pelo qual era chamada pelos escravos), hoje conhecida como Parque São Bartolomeu, também abrigou escravos fugidos, local onde encontraram proteção e refúgio.

A região tinha o nome de Floresta do Urubu porque existia uma imensidão dessas aves de rapina, que se alimentam de carniça. Como as oferendas que eram colocadas para os Orixás apodreciam, principalmente os animais mortos, os Urubus consumiam estes dejetos e funcionavam num ciclo natural de limpeza da Região. Com crescimento desordenado, com a poluição, degradação e desmatamento, essas aves desapareceram quase que na sua totalidade.

O Parque São Bartolomeu, que tem um importante acervo histórico e também turístico, durante mais de três décadas ficou em estado de abandono pelo poder público de Salvador. Atualmente se encontra revitalizado, no entanto, não existem

políticas culturais permanentes. Espaços como o Parque São Bartolomeu são essenciais e não podem ser esquecidos, eles fazem parte da memória de um povo, trazem consigo todo um legado histórico.

É necessário propor ações no sentido de fortalecer a história cultural do Parque São Bartolomeu. O potencial dele é indiscutível, no entanto, o local ainda não é considerado 100% seguro pela população local e essa insegurança acaba por dificultar a visita de pessoas de outros bairros da cidade ao local.

Durante o processo da pesquisa era comum escutar que o Parque São Bartolomeu é um lugar muito bonito e importante na construção da história do subúrbio, no entanto, era aconselhável fazer as trilhas em grupos, principalmente pela falta de segurança, que afasta visitantes e possíveis comerciantes.

Vivemos na cultura do medo. Para nos preservar da violência acabamos optando por passar nossos momentos de lazer em locais fechados, a exemplo dos shoppings, restaurantes e cinemas. Não que visitar esses lugares seja ruim, no entanto, é preciso explorar o que a cidade nos oferece.

## 2. Sobre Algumas Ausências

Para Rubim (2007), as políticas culturais no Brasil surgem de um contexto de tristes tradições e enormes desafios. Segundo Rubim, a história das políticas culturais do Estado nacional brasileiro pode ser condensada pelo acionamento de expressões como: autoritarismo, caráter tardio, descontinuidade, desatenção, paradoxos, impasses e desafios.

Esse contexto de tradições e desafios em relação às políticas culturais no Brasil pode ser em virtude dos múltiplos conceitos a respeito do tema. Falar em políticas culturais implica, dentre outros requisitos, em, pelo menos: intervenções conjuntas e sistemáticas; atores coletivos e metas. Para Rubim (2006), essa condição é vital no mundo atual.

A primeira triste tradição no país, em decorrência de seu perfil autoritário e elitista, foi o desenvolvimento da cultura e o caráter tardio da criação das políticas culturais no Brasil (Coutinho, 2000). A inauguração das políticas culturais no Brasil decorre na década de 30, quando Mário de Andrade passa a comandar o departamento de cultura da cidade de São Paulo (1935-1938).

“As contribuições de Mário de Andrade foram essenciais, pois ele inovou, primeiro quando estabeleceu uma intervenção estatal abrangendo diferentes áreas da cultura, segundo quando colocou a cultura como algo “tão vital como o pão” e terceiro quando propôs uma definição ampla de cultura que extrapolava as belas artes, sem desconsiderá-las, e que abarca, dentre outras, as culturas populares, assumiu a importância do patrimônio não só como material, tangível e possuído pelas elites, mas também como algo imaterial, intangível e pertinente aos diferentes estratos da sociedade”. (RUBIM, 2012, p. 31)

No entanto, existe muita descontinuidade nos processos referentes às políticas culturais no Brasil. O país passou por várias fases de transição que intensificaram esse processo de inconclusão referente à instalação de políticas culturais efetivas, dentre elas a transição da ditadura para uma democracia.

Às tristes tradições apresentadas por Rubim (2007), também se aplica a situação do Parque São Bartolomeu. Principalmente no que diz respeito às ausências e instabilidades, a região onde está localizado o parque é considerado a única reserva de Mata Atlântica em área urbana no Brasil, conhecida pelos locais como Mara do Urubu, local onde se instalaram os primeiros índios tupinambás e depois foi abrigo de escravos, ficando conhecido como Quilombo do Urubu.

A região do Parque São Bartolomeu sofreu com as infinitas ausências e também instabilidades no que se refere a presença dos poderes públicos. Durante muitos anos as ações ligadas a preservação da cultura e do meio ambiente foram e ainda são realizadas pelos movimentos em defesa do parque que desde a década de 80 está presente na região.

O Parque São Bartolomeu é expressão das contradições de uma cidade marcada por um crescimento desordenado. Segundo Formigli (1996), o Parque oscila entre a indiferença, o abandono e as intervenções insensíveis aos valores e significados culturais da área.

Mesmo diante de todas as ausências encontradas. A memória, o simbolismo e a identidade constituiu-se como elementos populares e que juntos foram fundamentais na articulação pela revitalização do espaço e afirmação da cultura no espaço do Parque São Bartolomeu.

Suane Mendonça, moradora da região do Subúrbio Ferroviário, descreve no livro *Morada Sagrada: histórias e lembranças do Parque São Bartolomeu* as contradições que o parque sofreu a partir do crescimento da cidade para o litoral, assim como o crescimento desordenado da região do subúrbio principalmente através das invasões.

### 3. Subúrbio Ferroviário de Salvador

Salvador foi um dos primeiros centros urbanos do Brasil. Fundada em 1549, além de ser cidade capital no Brasil colonial, acumulou várias funções ao longo do tempo. A cidade que foi construída ao redor da Baía de Todos os Santos, logo veio a se tornar a sede administrativa do Brasil e também um dos principais portos e centro comercial do continente, tendo a economia do açúcar como principal fonte de riqueza.

O Subúrbio Ferroviário de Salvador recebeu esse nome por conta da Viação Ferroviária Leste Brasileiro, fundada em 1860, via férrea que ligava o bairro da Calçada ao Subúrbio de Paripe. Atualmente o Subúrbio Ferroviário abrange 22 bairros, onde moram cerca de 600 mil habitantes. Até a década de 70 o local era formado por pequenos vilarejos e por comunidades de pescadores, também foi reduto de veranistas que aproveitavam as águas calmas da Baía de Todos os Santos.

Com o passar dos anos e a intensa mobilização urbana o Subúrbio Ferroviário que até a década de 70 era um refúgio para turistas, passou a receber um número considerável de pessoas oriundas das mais diversas regiões da Bahia. Essas famílias construíam suas casas em terrenos invadidos e é nesse contexto que a história do Parque São Bartolomeu se cruza com a região do Subúrbio.

No que tange políticas culturais e imigrações, Severino (2012, p. 161, grifos do autor) descreve o seguinte:

As aplicações deste ir e vir humano pelo planeta gerou também necessidades cada vez mais prementes: quem emigra, deixa o território, mas porta costumes, hábitos, cultura. Nesta perspectiva, cada vez mais verdadeira no tempo presente, as populações em fluxo são alvo de políticas culturais.

O crescimento desordenado da região modificou muito o espaço, o entorno do parque, assim como o espaço interno do parque, que também foi invadido. O então bucólico Subúrbio Ferroviário passou a ser um lugar marginalizado, conseqüentemente espaços como o do parque São Bartolomeu viraram um local “invisível” até mesmo para pessoas que residiam nos bairros próximos.



#### 4. Parque São Bartolomeu: contexto sociocultural e histórico

A trajetória de construção do Parque São Bartolomeu demonstra que o lugar foi e ainda é um espaço de resistência onde se pode pensar em formas para articulações políticas e culturais.

Os primeiros habitantes e usuários do Parque São Bartolomeu foram os índios Tupinambás, um dos povos pertencentes ao grupo Tupi – Guarani. Também abrigou escravos fugitivos que neste local encontraram proteção e refúgio, organizando-se por volta de 1826 no chamado Quilombo do Urubu (SERPA, 1998, p. 68).

O Parque São Bartolomeu constitui-se em um território enraizado de memórias e significado para a sociedade baiana. Considerada uma das maiores reservas de Mata Atlântica em área urbana do Brasil, refúgio de índios e escravos e local de grande importância histórica, situado num ambiente fluviomarinho, que abarca mananciais, rios e cachoeira, manguezais arbustivos, possui diversidade de fauna e flora. Através dos séculos, o Parque São Bartolomeu tem sido local de importantes acontecimentos históricos se constituindo de grande relevância à memória do povo baiano (SERPA, 1998, p. 68).

**Figura 1** – Mapa do Parque São Bartolomeu



Fonte: Google imagens (2017)

No século XVI, foram instalados na região do Parque os engenhos de açúcar dos jesuítas e os engenhos reais, pertencentes à coroa portuguesa. Neste mesmo período foi estabelecida a maior aldeia missionária jesuítica na Aldeia de São João (SERPA, 1998, p. 68). Os engenhos de açúcar eram muito rentáveis para os senhores de engenho da época. Em consequência da quantidade de produtos que eram exportados para Europa e da escassa mão de obra, começou-se a introduzir a mão de obra escrava no Brasil.

Foi no contexto da escravidão que o Quilombo do Urubu surgiu. A floresta do Urubu – hoje conhecida como Parque de São Bartolomeu – também abrigou escravos fugitivos que aqui encontraram proteção e refúgio, organizando-se por volta do ano de 1826 no chamado Quilombo do Urubu. Ao contrário dos grandes latifúndios de cana, aqui se plantava de tudo - inclusive árvores frutíferas como mangueiras e jaqueiras, hoje encontradas em profusão no Parque –, e não só para o consumo dos ex - escravos agora organizados em quilombo, mas também como fonte de renda, já que o excesso de produção era trocado com as aldeias vizinhas. Independência e autonomia não eram bons exemplos para os escravos negros e, como muitos outros quilombos, o do Urubu teve vida curta e foi logo dizimado pelos portugueses. (SERPA, 1998, p. 03).

Em 1633, o século XVII foi palco do primeiro sermão público do padre Antônio Vieira e cenário de lutas de resistência à invasão dos holandeses, que se estabeleceram no entorno do rio do Cobre (SERPA, 1998, p. 68).

Criado em 28 de abril 1978 pelo decreto municipal nº 5.363, o Parque São Bartolomeu se tornou recanto de memórias. Não conseguiu caminhar junto à modernização, ficando durante algumas décadas abandonado pela os poderes públicos.

Segundo Canclini (2003), a modernização diminui o papel do culto e do popular, tradicionais no conjunto do mercado simbólico, mas não o suprime. O que demonstra a força dessas tradições em se reconstruírem, mesmo em ambientes modificados ao longo do processo de modernização.

O Parque São Bartolomeu resistiu ao abandono durante um período relativamente longo, no entanto sempre foi pauta de discussão desde a década de oitenta. A luta pela revitalização e preservação começou a partir da criação da

Associação dos Amigos do Parque São Bartolomeu, que surgiu em 1986 com a necessidade de conscientizar e preservar o espaço do parque.

A Associação realizava atividades voluntárias em escolas com intuito de conscientizar crianças e jovens a respeito da preservação do espaço do parque. No entanto, só na década de 90 é que a Associação teve o projeto Guias e Guardiões do parque aprovado pela prefeitura de Salvador. A partir dessa aprovação foi possível realizar outras ações, como: criação de uma creche, um posto policial e também algumas atividades que possibilitam conhecer um pouco mais sobre as lutas ambientais e históricas do parque.

Com todo seu valor cultural, espécie de santuário religioso, com suas águas cachoeiras e folhas, o parque mantinha viva a tradição do candomblé. Mas sobre tudo continuava ignorado pelo poder público, sempre lembrado com certo tom de nostalgia e encantamento. “Falava-se da importância desse espaço ecológico e religioso e lamentava-se sua degradação e abandono, que representa para o subúrbio a perda de um dos últimos lugares de lazer e, para os terreiros, a perda de um sítio sagrado. Para cidade, um dos raros monumentos relacionados à resistência de índios, negros e brasileiros contra a opressão portuguesa” (OLIVEIRA, 1975, p. 4).

A criação da Associação dos Amigos do Parque São Bartolomeu foi muito importante para seu processo de revitalização e preservação do seu espaço e memória. As lutas em prol do parque continuam, a caminhada agora gira em torno da implementação das políticas culturais, assim como, mobilizar a população e grupos culturais locais a respeito de fortalecer o sentimento de pertença.

Figura 2 - Reportagem Parque é Santuário dos Orixás

## Parque é Santuário dos Orixás

O Parque de São Bartolomeu, distante 12 quilômetros de Salvador, localizado nas proximidades de Pirajá, com uma área de 750 mil metros quadrados, continua abandonado. Constituído de reservas florestais representadas por espécies autóctones (regionais), o parque, apesar da distância, é considerado de categoria distrital e está enquadrado no sistema de áreas verdes da capital.

Conhecido como Santuário dos Orixás, os cultos religiosos ali realizados dotaram o parque de magia onde cada cascata, pedra e árvore ganha um significado para os rituais e recebimentos de oferendas. Contudo, a Campanha de Preservação do Parque parece ter parado no meio do caminho. O aspecto do lugar, mesmo com toda a beleza natural existente, garante a ele o título de "enjeitado" na opinião de diversos moradores.

Os módulos policiais construídos para garantir a segurança dos visitantes nunca foram visitados pelos policiais. Uma das cachoeiras da Bacia de Oxum, na entrada do parque, segundo informações dos moradores, tem a sua queda d'água prejudicada pelos esgotos da Rua Nova que estão desembocando ali. Ninguém sabe nada sobre a preservação do local, considerado altamente perigoso, devido ao grande número de marginais que frequentam a área. A impressão que se tem é que o belíssimo Parque de São Bartolomeu está agonizando.



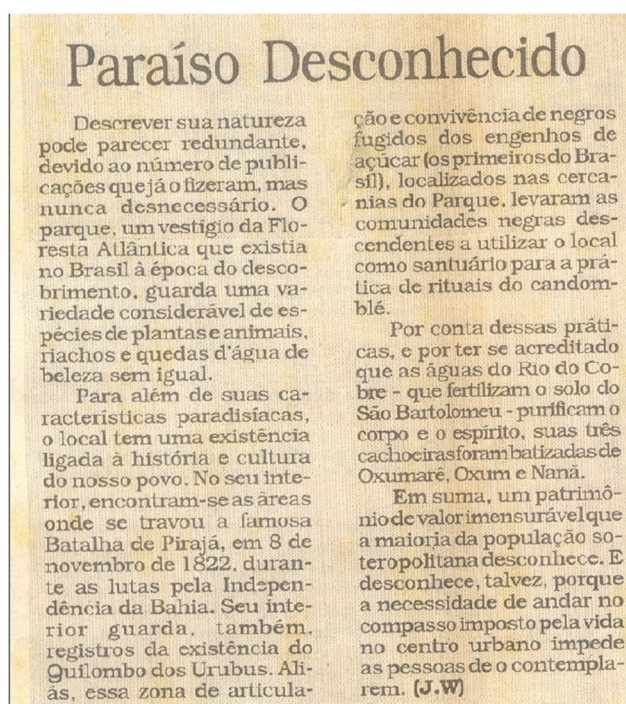
**Cada cascata tem um significado especial**

Fonte: Tribuna da Bahia 28/05/1988

## 4.1 Paraíso Desconhecido: Mata Atlântica, rios, cachoeiras e as práticas do candomblé

Considerado por muitos como um paraíso desconhecido, o parque São Bartolomeu já foi e continua sendo pauta de grandes reportagens. No ano de 1996, precisamente em 24 de agosto, o jornalista Jean Wyllys fez uma matéria jornalista na Tribuna da Bahia com o seguinte título: Paraíso Desconhecido.

Figura 3 – Reportagem Paraíso Desconhecido



Fonte: Tribuna da Bahia 24/08/1996

O autor reafirma em sua matéria tudo aquilo que moradores da região e escritores já documentaram acerca do parque, que está localizado em um dos únicos vestígios da Mata Atlântica em área urbana no Brasil. A Floresta foi descoberta na época do descobrimento, foi profundamente agredida pela intensa urbanização desordenada, no entanto, ainda guarda uma variedade de plantas e árvores.

O parque integra a bacia do Rio do Cobre, cujas nascentes localizam-se entre os bairros de Paripe, Periperi, Valéria e Pirajá, todos localizados no chamado

Subúrbio Ferroviário de Salvador. A barragem do Cobre foi construída pelo Governo do Estado, em 1929, e integrava o primeiro sistema de abastecimento de água de Salvador (Azevedo, 1998, p. 124).

**Figura 4**– Rio do Cobre – Parque São Bartolomeu (Bacia do Cobre)



Fonte: Arquivo Pessoal / Luciana Souza (2016)

Reconhecido por suas belezas naturais, o parque abriga três cachoeiras que tem origem a partir da mesma queda d'água: Nanã, Oxum e Oxumaré. As cachoeiras representam a área sagrada do parque, são locais utilizados na realização rituais do candomblé.

No que tange à parte sagrada do Parque de São Bartolomeu, Serra (1998, p. 150, grifos do autor) descreve da seguinte maneira:

Além da mata, assinalam-se aí grandes rochas, algumas destacadas, e cachoeiras formadas por dois riachos (a cachoeira do rio do Cobre fica na área profana; não é de fato objeto de nenhuma espécie de culto). As cachoeiras de Oxum e Nanã, na verdade, são duas vertentes, separadas por uma eminência de rochedo, da mesma queda d'água. O ponto onde se precipitam é designado como Bacia de Oxum. Os fiéis realizam aí oferendas e ritos de lustração. A Cachoeira de Oxumaré (ou de São Bartolomeu, como é mais conhecida) é formada por outro curso d'água, cuja nascente, ao contrário do que sucede com o primeiro, situa-se dentro dos limites do Parque. No ponto onde se precipita por uma fenda, situado a aproximadamente 15 m do topo da cascata e a 10 m do solo (donde a ele se chega por um caminho íngreme na rocha) os fiéis também depositam oblações e perfazem ritos lustrais. Rochedos isolados nas cercanias são também objeto de culto, relacionados alguns deles, de maneira constante, com certas divindades: é o caso da Pedra de Omolu e da Pedra de Tempo.

## 4.2 Decreto de Criação da Lei

O Parque São Bartolomeu foi criado pelo decreto municipal nº 5363 de 28 de abril de 1978, vizinho ao Parque do Rio do Cobre. Planeja-se unir os dois parques, que têm uma área total de 450 hectares.

Em 2001 o decreto estadual nº 7.970 criou a Área de Proteção Ambiental - APA Bacia do Cobre / São Bartolomeu, envolvendo áreas dos municípios de Salvador (incluindo o Parque São Bartolomeu) e Simões Filho, com área de 1.134 hectares, atualmente administrada pelo Instituto do Meio Ambiente e Recursos Hídricos (Inema).

Segundo o plano de saneamento realizado pela Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia 2013, a represa garantia o abastecimento de água de parte da população suburbana, mas estava fora de operação em 2013. Os estudos para o aproveitamento das águas do Rio do Cobre, como alternativa para o abastecimento da Cidade, começaram em 1925, quando o governador Góes Calmon contratou a empresa do engenheiro Francisco Rodrigues Saturnino de Brito. Na época, Salvador era abastecida por um sistema que envolvia represas do Rio Camurugipe e do Rio das Pedras. Em 1926, a empresa de engenharia contratada apresentou um estudo que recomendava também o aproveitamento das águas do Rio Jaguaripe, Ipitanga e do Cobre. A barragem do Cobre começou a ser construída em 1929, mas foi logo paralisada por falta de recursos. Sua construção foi concluída em 1931 e tinha capacidade para armazenar 2,3 milhões de m<sup>3</sup> de água.



### 4.3 Grupos e Movimentos Sociais

1987 é o ano que marca o surgimento de grupos e movimentos sociais através de ações sociais e educação ambiental no Parque São Bartolomeu. O movimento em defesa do Parque teve como interlocutores lideranças comunitárias, representantes de religiões de matriz africana e cristãs. O movimento tinha como objetivo a proteção e revitalização de um dos territórios mais significativos da história, natureza e cultura local, santuário das religiões afro-brasileiras e reserva da Mata Atlântica na Bahia.

No entanto o surgimento da primeira instituição em defesa do parque antecede a essa data. Fundada em 1986 e registrada somente no ano de 1990, a Associação Amigos do Parque São Bartolomeu surgiu com intuito de desenvolver trabalhos nas áreas de educação, cultura e história.

A intensa mobilização comunitária teve incursões em escolas, associações e organizações religiosas onde foram oferecidas oficinas de artes, seminários que trouxeram como tema a importância da preservação de espaços públicos. Nesses encontros o nome do Parque São Bartolomeu sempre era lembrado. Os moradores da região falavam com pesar e nostalgia da situação do parque, para muitos deles o Parque São Bartolomeu tem uma importância simbólica muito presente, falava-se muito da diversidade ecológica, cachoeiras, e também da importância do lugar para a religião de matriz africana.

Em 1992 foi criado o Projeto de Formação dos Guias e Guardiões do Parque. Esse projeto foi pioneiro na área de educação ambiental voltado para os jovens na região do Subúrbio Ferroviário em Salvador. Foi criado através do apelo das Mães da região de Novo Alagados - Clube As Heroínas do Lar. Além das questões ambientais, trabalhou as áreas de comunicação, arte e recepção a visitantes.

Entre os anos de 1996 a 2000 aconteceu o Projeto Memorial Pirajá, que foi desenvolvido pelo o Centro de Educação Ambiental São Bartolomeu, em cooperação com o Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia e teve como parceiros a Prefeitura Municipal de Salvador, a Fundação

Odebrecht, UNESCO e UNICEF. O projeto teve como objetivo principal incentivar o protagonismo jovem e a gestão ambiental e cultural participativa, para isso realizaram formação de professores de escolas públicas da região, formação de guias e guardiões do parque, mobilizaram moradores, representantes das religiões de matriz africanas e cristãs, associações de moradores e instituições privadas.

Em novembro de 2002 surgiu o Movimento de Cultura Popular e Desenvolvimento Sustentável – MCPS. A instituição foi fundada com a finalidade de atuar em rede, articulando e agregando artistas e grupos culturais desta região. A finalidade é promover e divulgar as manifestações culturais e artísticas das comunidades populares de Salvador, assim como, preservar e conservar o meio ambiente de forma sustentável; promover, apoiar e executar projetos e atividades que venham a gerar emprego, trabalho e renda. O MCPS foi conquistando espaço e respeito no decorrer dos anos, passando a ser referência para grupos e movimentos sociais na região do Subúrbio.

A mobilização da comunidade e a participação dos grupos e movimentos sociais em prol do Parque São Bartolomeu foram fundamentais no processo de revitalização. Foram anos de luta com prefeitura e governo do estado em prol de uma solução para o espaço que traz consigo uma história de luta e resistência muito fortes. Os moradores da região entenderam muito cedo que reivindicar seus direitos era necessário para que políticas públicas e culturais fossem implementadas no Parque e em seu entorno.

## 5. Diagnóstico Contemporâneo

A região onde está localizado o parque São Bartolomeu é considerada um marco na história da Bahia. Os primeiros moradores foram os índios tupinambás e posteriormente passou a ser um local de refúgio para escravos fugidos, tornando-se Quilombo.

A história de luta pela preservação cultural e ambiental no entorno do parque começou há mais de 30 anos, nos anos setenta, quando decretos municipais criaram o Parque Histórico de Pirajá, depois chamado de Parque Metropolitano de Pirajá, tendo a área do Parque São Bartolomeu incluída, sendo definidas a partir de então como zonas de proteção ecológicas no sistema de áreas verdes municipais. No entanto, houve um período de quase dez anos em que a região ficou abandonada, sem a presença da organização civil e governamental.

Só na década de oitenta ganha a atenção da sociedade civil e estudiosos, o que possibilitou a criação do movimento em defesa do parque São Bartolomeu por volta de 1986. O movimento reuniu associação de moradores, representantes dos terreiros de candomblés e empresas privadas. Nessa época a situação do parque era constantemente pauta de reuniões e foi nesse período que surgiu a Associação Amigos do Parque São Bartolomeu e o Clube de Mães.

Os anos noventa foi um marco de luta, os movimentos em defesa do parque pressionaram muito o poder público em prol da preservação ambiental, cultural e sobretudo da memória do Parque São Bartolomeu. Em 1995, a UNESCO reconheceu o parque como importante Reserva de Biosfera de Mata Atlântica em área urbana do Brasil.

As Reservas da Biosfera, criadas a partir de 1976, são concebidas como territórios terrestres ou costeiros cuja missão é a conservação da biodiversidade, promoção do desenvolvimento sustentável e fomento à pesquisa, ao monitoramento e à educação ambiental, atividades recomendadas pelo Programa Homem e Biosfera (MaB – Man and the Biosphere) da UNESCO (RBMA, 1995). No Brasil, a Reserva da Biosfera da Mata Atlântica (RBMA) integra, atualmente, uma área de cerca de 35 milhões de hectares, em 15 estados brasileiros. No estado da Bahia, a RBMA abrange parcelas territoriais de 170 municípios (CNIP, 2012). (CONDER, p. 1. 2013).

Em 1997, o movimento em defesa do parque começa a fazer um projeto de revitalização do Parque São Bartolomeu, sendo entregue ao então prefeito de Salvador Antônio Imbassahy que chegou a visitar o local. No entanto o projeto não teve continuidade. Voltamos às tristes tradições apresentadas por Rubim no livro Políticas Culturais, quando o autor apresenta as três tristes tradições das políticas públicas e culturais no Brasil, são elas: ausência, autoritarismo e instabilidade.

Apesar de toda situação enfrentada pelo movimento em defesa do parque, no ano de 2002 o Governo do Estado da Bahia através do IPAC Decreto 8357/02 de 05 de novembro de 2002 promoveu tombamento de bens com importante valor cultural, dentre os bens consta o Parque São Bartolomeu. No ano de 2004, o então prefeito Imbassahy passa a administração do parque para o Governo do Estado da Bahia.

Após mais de 30 anos de espera, o São Bartolomeu começou um processo de revitalização. Para revitalização o Governo do Estado da Bahia juntamente com a Secretária de Desenvolvimento Urbano - SEDUR, desembolsaram cerca de R\$ 93 milhões de reais e a CONDER - Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia foi a responsável pela fiscalização de obras. É importante ressaltar que muitas famílias que moravam no entorno do parque foram desapropriadas de suas casas, muitas delas residiam no local há mais de 30 anos.

Segundo pesquisa realizada pela Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia - Conder no ano de 2013, 471 famílias moravam no interior do Parque São Bartolomeu, 65 delas foram morar em um conjunto habitacional que foi construído especialmente para recebê-los, 200 receberam apartamentos construídos na encosta do Pirajá e o restante optou pela indenização. As 256 famílias que estão na comunidade São Bartolomeu, ou seja, ao redor da reserva ecológica, foram remanejados para apartamentos construído pelo programa Minha Casa Minha Vida do Governo Federal. Antes da mudança essas famílias receberam uma quantia de R\$ 300,00 (trezentos reais) de aluguel social.

## 5.1 Gestão de Parques

Os primeiros parques urbanos têm registro a partir do século XVIII, período que o processo de urbanização e industrialização ganhou força e que várias cidades começaram a surgir na Europa e Estados Unidos. Houve então a necessidade de criar espaços saudáveis, sem a presença das poluições oriundas das grandes fábricas. É importante lembrar que esses ambientes eram restritos à elite da época.

No início do século XIX, o Brasil é marcado por uma organização em sua estrutura, principalmente a partir da vinda da família real portuguesa em 1808. Macedo (2003), afirma que tal reestruturação reflete nas velhas e pequenas cidades, reorganizadas para desempenhar novas e sofisticadas funções administrativas; uma dessas cidades é a antiga capital, o Rio de Janeiro, que incorpora tais funções, tornando-se rica em recursos e investimentos.

Criado em 1783, o Passeio Público do Rio de Janeiro é considerado o parque urbano mais antigo do Brasil, possuía um traçado extremamente geométrico e inspirado em jardins clássicos franceses (MACEDO, 2003, p.22).

**Figura 5** - Passeio Público (Rio de Janeiro)



Fonte: Brasiliana Fotografia (<http://brasilianafotografica.bn.br/brasiliana/handle/bras/2039>)

Vinte e sete anos depois, o Conde dos Arcos, Dom Marcos de Noronha e Brito inaugurou o Passeio Público de Salvador. Com uma vista privilegiada para a Baía de Todos os Santos. No século XIX era o mais charmoso espaço de lazer da cidade. Fica na mesma mediação do Teatro Vila Velha e do Palácio da Aclamação, foi restaurado em 1990 quando abrigou eventos culturais, no entanto ficou um bom tempo esquecido.

No ano de 2015 passou por algumas intervenções, realizada pelo Governo do Estado através da Secretaria de Cultura do Estado da Bahia (Secult) e do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (Ipac). O objetivo principal da reforma é reafirmar o Passeio Público com espaço democrático, além de fortalecer as manifestações artísticas culturais.

A origem dos parques se fundamentam em dois pontos já citados anteriormente: o primeiro ponto é a urbanização e o segundo ponto a industrialização. No entanto, o Brasil não foi impulsionado com tais mudanças oriundas dos países da Europa e Estado Unidos, a organização em sua estrutura só começaria a partir da chegada da família real portuguesa datada de 1808. Vale ressaltar que os primeiros parques urbanos foram criados para atender os desejos da elite.

A cidade do Salvador, assim como a maioria das capitais do Brasil tem um histórico de ausências e instabilidades em relação aos parques urbanos. A falta da presença do Estado resulta muitas vezes na marginalização do local público destinado ao lazer.

Este projeto descreve um pouco a situação do Parque São Bartolomeu, no entanto, existe outros parques públicos na cidade que se encontra em situação semelhante à do São Bartolomeu. Podemos citar o caso do Parque Metropolitano de Pituaçu, localizado no entorno da também chamada Lagoa de Pituaçu.

Assim como o Parque São Bartolomeu, o Parque Metropolitano de Pituaçu, também foi criado através de um Decreto Estadual nº 23.666 em 04 de setembro de 1973. Possui uma localização privilegiada, o que possibilitou a presença da população no local, pois existe estrutura como quiosques, parque infantil, além de possuir uma ciclovia de 15 km, no entanto, se encontra em situação beirando ao abandono, voltamos às instabilidades e ausências apresentadas pelo professor Albino Rubim (2007), essas tristes tradições indicam a interrupções de ações no contexto das políticas culturais no Brasil.

É importante ressaltar a relação dos brasileiros com os espaços públicos e culturais. No Brasil, fazemos parte de uma cultura onde os espaços públicos não são de todos, a impressão que fica é que esses espaços são reduzidos a locais de passagens, se tornando posteriormente lugares degradados, redutos de violências, o que acaba afastando ainda mais as pessoas.

Portanto, na análise do espaço público urbano, forma e conteúdo são indissociáveis, e uma discussão sobre essa temática passa necessariamente pela difícil articulação entre os aspectos que dão “concretude” à esfera pública urbana e aqueles de cunho mais abstrato, que denunciam seu caráter intersubjetivo e a necessidade de uma abordagem multifacetada do problema. Uma abordagem assim passa necessariamente pela discussão da noção de acessibilidade, que está estreitamente vinculada, na demarcação dos

territórios urbanos, à alteridade, contrapondo uma dimensão simbólica (e abstrata) à concretude física dos espaços públicos urbanos. Pois, a acessibilidade não é somente física, mas também simbólica, e a apropriação social dos espaços públicos urbanos tem implicações que ultrapassam o design físico de ruas, praças, parques, largos e prédios públicos (SERPA, 2004).

Em julho de 2016, tive a oportunidade de passar 30 dias viajando pela Europa, visitei a cidade de Paris, Sceaux, Lourdes, Lisieux, e Cracóvia, localizada na Polônia. Os europeus possuem uma outra relação com suas cidades, basta um pedacinho de grama ou um banco para que as pessoas se reúnam, eles literalmente têm uma relação diferente com os espaços públicos. Eles se fazem presentes nos lugares, seja para um encontro com os amigos, seja para um almoço ou lanche. É importante dizer que o espaço público é de todos e para todos.

Durante os dias que transcorreu a viagem, o que mais chamou a atenção do grupo, era justamente a presença das pessoas nos parques ou praças. Não era somente local de passagem, a experiência estética que eles possuem com os lugares é outra. A acessibilidade é um fator importante nessa relação entre os espaços públicos e culturais e a população, é um ponto que o Brasil precisa melhorar muito.



## 6. O Parque que queremos

A luta pela conservação e preservação do Parque São Bartolomeu aconteceu sobretudo na esfera simbólica. As histórias de vida dos moradores da região do Subúrbio Ferroviário são muitas vezes interligadas com a do próprio parque, talvez por isso eles nunca tenha abandonado o local.

A potencialidade do Parque São Bartolomeu é indiscutível, o local é místico, tem uma trajetória de luta, além de possuir uma beleza natural. Ângelo Serpa no livro Espaços Culturais: vivências, imaginações e representações relata a abordagem cultural através do estudo das experiências vividas por cada indivíduo. Para isso leva em consideração a experiência do espaço sagrado, entendendo que esses locais possuem uma carga emotiva muito forte.

O Parque São Bartolomeu possui o título de espaço sagrado, primeiro porque foi um local onde abrigou e acolheu índios e escravos, segundo porque para a população do Candomblé ele realmente é um espaço sagrado e terceiro porque a população do subúrbio assim o considera.

A carga emotiva entre os moradores e o parque possibilitou a existências de diversos movimentos em defesa do São Bartolomeu. Os grupos e movimentos culturais e sociais acreditavam na potencialidade do local a partir da revitalização, mesmo antes do processo ser iniciado no ano de 2012 existia no local eventos e ações em pró principalmente das crianças e jovens.

O Subúrbio Ferroviário é uma região onde muitos grupos e associações culturais mantém projetos. O Movimento de Cultura Popular do Subúrbio é um local onde esses grupos dialogam e participam de oficinas de capacitação profissional.

A partir da revitalização do Parque foi construído o centro de referência para todos os grupos, chamado de Centro de Cultura e Cidadania Pirajá, o objetivo é fortalecer a presença desses grupos culturais na região. Atualmente existe um Coletivo de produtores independentes que desenvolvem ações de arte, cultura e meio ambiente no Parque.

O evento mais recente do Ocupação Cultural e Ambiental - OCA, aconteceu no dia 17 de dezembro de 2016. A proposta era integrar música, poesia e performances teatrais.

**Figura 06** - Cartaz de Divulgação



Fonte:

<https://www.facebook.com/Coletivo-de-Arte-e-cultura-do-Parque-S%C3%A3o-Bartolomeu-466952106842462/>

Neste contexto de revitalização, o produtor cultural tem o importante papel, o Parque São Bartolomeu possibilita aos produtores uma diversidade de atividades, seja para a população local ou turística. A região do Subúrbio Ferroviário é pouco explorada no que diz respeito ao turismo, possui lindas praias, no entanto existe um preconceito com a região.

O desafio dos produtores é tentar desfazer estereótipos para com o Parque São Bartolomeu, localizado numa região pouco valorizada pela população de Salvador e sobretudo marginalizada. A luta pela valorização do parque é constante e só é possível porque 'sementes foram plantadas e semeadas' durante quase 40 anos, o que possibilitou o sentimento de pertença nos moradores da região.

## 7. Considerações Finais

Analisar a história do Parque São Bartolomeu pelo viés da relação entre cultura e meio ambiente foi importante sobretudo para tentar compreender o sentimento de pertença entre os moradores locais da região do Subúrbio. Esse importante pedaço da história da cidade é desconhecido por uma boa parcela dos cidadãos da cidade do Salvador e regiões metropolitanas.

A região do Subúrbio Ferroviário é um local povoado de histórias, personagens e belezas naturais. A passagem pela Agência Experimental em Comunicação e Cultura possibilitou uma aproximação com a região até então muito distante. Como membro da Agência Experimental foi possível conhecer o professor José Eduardo que mantém um Museu conhecido como Acervo da Laje, o Acervo é formado através de doações e tem como objetivo mostrar a todos a riqueza, beleza e importância da cultura local. Com o Observatório da Cultura Popular foi possível conhecer os bairros de Plataforma, Paripe, Periperi, dentre outros, nas mapeação de projetos e grupos culturais.

Foi em uma dessas visitas que tive a oportunidade de conhecer um pouco da história do Parque São Bartolomeu. A partir daí meu interesse só cresceu. Quando me matriculei na disciplina Elaboração de Projeto em Comunicação, ministrada pela prof.a dra Annamaria Jatobá Palácios tive a certeza que o tema da minha monografia seria algo relacionado ao Parque São Bartolomeu como patrimônio histórico, cultural e ambiental.

Depois de um longo período de aprofundamento sobre o Parque São Bartolomeu, através de conversas com moradores da região e pesquisa bibliográfica e documental, percebi a sua importância para a construção da cidade do Salvador.

Para fundamentar a pesquisa, utilizamos pensamentos de autores como Rubim (2006), que evidencia problemas como as tristes tradições nas políticas culturais no Brasil, tendo como referência as ausências e instabilidades das políticas culturais em espaços públicos destinados ao lazer e a preservação do patrimônio histórico. Outro autor importante no desenvolvimento da pesquisa é Serpa (1998),

que permitiu o entendimento de espaços públicos, acessibilidade e espaços culturais como vivências e representações.

A pesquisa possibilitou descobrir que o Parque São Bartolomeu foi alvo de trabalho desenvolvido pelo Centro de Educação Ambiental São Bartolomeu, através do Projeto Memorial Pirajá, apoiado pelo Centro de Estudos Afro-Orientais - CEAO - da Universidade Federal da Bahia. Através dos estudos foi lançada no ano de 1998 a coleção Cadernos do Parque com o título Parque Metropolitano de Pirajá: história, natureza e cultura.

Os movimentos em defesa do Parque São Bartolomeu surgiram com intuito de conscientizar os moradores e poderes públicos sobre a importância histórica e incomparável riqueza ambiental existente no local.

Por fim, através do trabalho apresentado, observa-se a importância das políticas culturais permanentes em espaços públicos, assim como a importância de preservar espaços que possuem um grande significado histórico para sua população.

## Referências

**Bacia do Cobre**, Arquivo pessoal Luciana Souza, ano 2016.

BARTOLOMEU. In: FORMIGILI, Ana Lúcia Menezes (Org.). **Parque Metropolitano de Pirajá: história, natureza e cultura**. Salvador: Centro de Educação Ambiental São Bartolomeu, 1998.

BOOTH, W.C.; COLOMB, G.G.; WILLIAMS, J.M. **A arte da pesquisa**. 3ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BRANDÃO, E. F. **Um olhar sobre o bairro de Pirajá e o Parque São Bartolomeu na década de 1970**. IV ANPUH, Vitória da Conquista/BA. 10 p. 2008. Disponível em: <

[http://www.uesb.br/anpuhba/anais\\_eletronicos/Edna%20de%20Freitas%20Brand%203%20A3o.pdf](http://www.uesb.br/anpuhba/anais_eletronicos/Edna%20de%20Freitas%20Brand%203%20A3o.pdf)>. Acesso em: 10 dez. 2016.

CANCLINI, Nestór García. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**/ Nestór García Canclini. 4 ed. 5. Reimp. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011. – (Ensaio Latino-americano, 1). Disponível em: < <http://www.cdrom.ufrgs.br/garcia/garcia.pdf>>. Acesso em: 15 dez. 2016.

COELHO, Teixeira. **O que é ação cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Cultura e sociedade na Brasil**. Rio de Janeiro: dp&a, 2000.

**Decreto n.º 5.363, de 28 de abril de 1978. Cria o Parque Metropolitano de Pirajá**. Salvador, 1978b. Disponível em: < [http://www.conder.ba.gov.br/arquivos/biblioteca/156/PDF\\_BIBLIOTECA.PDF](http://www.conder.ba.gov.br/arquivos/biblioteca/156/PDF_BIBLIOTECA.PDF)>. Acesso em: 25. nov.2016.

**Decreto n.º 4.355, de 8, de novembro, de 1972**. Estabelece área do Parque Metropolitano de Pirajá como de proteção especial do Poder Público com a denominação de Parque Histórico de Pirajá. Salvador, 1972a. Disponível em: < <https://governo-ba.jusbrasil.com.br/legislacao/78042/decreto-8357-02#par-1--art-1--inc-XII>>. Acesso em: 02 fev. 2017.

ESPINHEIRA, Gey. **Parque São Bartolomeu: esquecimento e memória**. In: FORMIGILI, Ana Lúcia Menezes (Org.). **Parque Metropolitano de Pirajá: história, natureza e cultura**. Salvador: Centro de Educação Ambiental São Bartolomeu, 1998.

FORMIGLI, Ana Lúcia Menezes. **Apresentação**. In: FORMIGLI, Ana Lúcia Menezes et al. **Parque Metropolitano de Pirajá: história, natureza e cultura**. Salvador: Centro de Educação Ambiental São Bartolomeu, 1998. p. 11-17.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

LEMOS, Carlos. **O que é patrimônio histórico**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

LUBISCO, Nídia Maria Lienert. **Manual de estilo acadêmico**: trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses / Nídia M. L. Lubisco; Sônia Chagas Vieira. 5. ed. – Salvador: EDUFBA, 2013

MACEDO, S. S. **Quadro do Paisagismo no Brasil** / Silvio Macedo. - São Paulo, 1999. 144p.: il. 27 cm. [Coleção Quapá, V.1].

MACEDO, S. S. **Parques Urbanos no Brasil** = Brazilian Urban Parks / Silvio Soares Macedo e Francine Gramacho Sakata – 2.ed.- São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial da Universidade de São Paulo, 2003 – [Coleção Quapá].

**Mapa Parque São Bartolomeu**. Disponível em: <

[MARTIN- BARBERO, J. M. \*\*Saberes de hoje: disseminações, competências e transversalidade\*\*. In \\_\\_\\_\\_\\_ Comunicação e história interfaces e novas abordagens. MAUAD, 2008. P 237-252.](https://www.google.com.br/search?q=parque+s%C3%A3o+bartolomeu&espv=2&source=Inms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwj5vuPd3MfSAhXGvJAKHdjKCB0Q_AUIBygC&biw=1366&bih=662&dpr=1#tbn=isch&q=mapa+parque+s%C3%A3o+bartolomeu&*imgcr=ldEKh14cBrLG-M:> . Acesso em: 15 jan. 2017.</p></div><div data-bbox=)

MENDONÇA, Suane Michelle Santana. **Morada Sagrada: histórias, e lembranças do Parque São Bartolomeu**. /Suane Michelle Santana Mendonça. \_2010

OLIVEIRA, Clara. **Parque São Bartolomeu é beleza difícil de ver**. Diário de notícias, Salvador, 6 nov. 1975, p. 4.

**Paraiso Desconhecido**. Tribuna da Bahia, 24.08.1996, p.08, Jean Wyllys.

Disponível em: <[http://www.culturatododia.salvador.ba.gov.br/vivendo-polo.php?cod\\_area=6&cod\\_polo=16](http://www.culturatododia.salvador.ba.gov.br/vivendo-polo.php?cod_area=6&cod_polo=16)> Acesso em: 31 jan. 2017.

**Parque Santuário dos Orixás**. Tribuna da Bahia, 28.05.1988, caderno cidade, p 02.

Disponível em: < [http://www.culturatododia.salvador.ba.gov.br/vivendo-polo.php?cod\\_area=6&cod\\_polo=16](http://www.culturatododia.salvador.ba.gov.br/vivendo-polo.php?cod_area=6&cod_polo=16) >. Acesso em: 31 jan. 2017.

Cartaz Divulgação Evento Noite na Floresta. Disponível em:

<<https://www.facebook.com/Coletivo-de-Arte-e-cultura-do-Parque-S%C3%A3o-Bartolomeu-466952106842462/>>. Acesso em: 15 fev. 2017.

**Passeio Público do Rio de Janeiro**. Disponível em:

<<http://brasilianafotografica.bn.br/brasiana/handle/bras/74>>. Acesso em: 15 fev. 2017.

**Políticas culturais no Brasil** / organização Antonio Albino Canelas Rubim. — Salvador: edufba, 2007.

**Plano de Manejo Parque São Bartolomeu Conder ano 2013**. Disponível em: <

[http://www.conder.ba.gov.br/arquivos/biblioteca/156/PDF\\_BIBLIOTECA.PDF](http://www.conder.ba.gov.br/arquivos/biblioteca/156/PDF_BIBLIOTECA.PDF)>.

Acesso em: 25. nov.2016.

RUBIM, Antonio Albino Canelas. **Políticas culturais entre o possível e o impossível**. Texto apresentado no ii Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Salvador, 2006. Disponível em: <<http://portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/viewFile/200/193>>. Acesso em: 05 jan. 2017.

SERRA, Ordep. **Projeto MAMNBA**. Considerações sobre o significado da área de Pirajá e do Parque São Bartolomeu no âmbito das tradições religiosas negras da Bahia. Extratos do Relatório do projeto de Mapeamento de Sítios e monumentos religiosos negros da Bahia. In: FORMIGLI, Ana Lúcia Menezes et al. (Org.). **Parque Metropolitano de Pirajá: história, natureza e cultura**. Salvador: Centro de Educação Ambiental São Bartolomeu, 1998. p. 148-165.

SERPA, Ângelo. **Ponto convergente de utopias e culturas: O Parque São Bartolomeu**. In: FORMIGILI, Ana Lúcia Menezes (Org.). Parque Metropolitano de Pirajá: história, natureza e cultura. Salvador: Centro de Educação Ambiental São Bartolomeu, 1998.

SERPA, A. **Espaço Público e Acessibilidade: Notas para uma abordagem geográfica**. Geosp, São Paulo - SP, v. 15, n. 15, p. 21-37, 2004. Disponível em: <<http://www.geografia.fflch.usp.br/publicacoes/Geosp/Geosp15/Artigo2.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2017.


SEVERINO, J.R. **Políticas Culturais e Imigrações**. Políticas Culturais / Organizado por Antonio Albino Canelas Rubim e Renata Rocha. – Salvador: EDUFBA, 2012. P. 162.

TEIXEIRA, Sidélia Santos T 266 **Patrimonialização, memória local, musealização e transformação social: os casos dos parques metropolitanos do Abaeté e de São Bartolomeu (Salvador, Bahia, Brasil)** / Sidélia Santos Teixeira. – Salvador, 2014. Disponível em: <<https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/24447/3/Parques%20Metropolitanos%20do%20Abaet%C3%A9%20e%20de%20S%C3%A3o%20Bartolomeu.pdf>>. Acesso em: 11 jan. 2017.

WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Versão Português. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Lugares\\_de\\_mem%C3%B3ria](https://pt.wikipedia.org/wiki/Lugares_de_mem%C3%B3ria)>. Acesso em 18/01/2017 às 09h08.

## ANEXOS

### ANEXO A - Telegrama do Escritor Jorge Amado

  
**Prefeitura Municipal do Salvador**  
**Estado da Bahia**

## PARQUE SÃO BARTOLOMEU

TELEGRAMA DO ESCRITOR JORGE AMADO AO PREFEITO RENAN BALEEIRO:

"Apelo querido amigo sentido preservação Parque São Bartolomeu, seus mananciais e sua riqueza florestal e sobretudo dos locais destinados ao culto afro-brasileiro — espaço sagrado para nós baianos. Afetuosamente, Jorge Amado.

RESPOSTA DO PREFEITO RENAN BALEEIRO:

Salvador, 13 de janeiro de 1982

Caro amigo Jorge Amado:

Ninguém melhor do que v. tem defendido, ao longo de meio-século de criação literária, os valores da cultura negra, sobretudo no que ela representa na caracterização da nossa velha Cidade da Bahia, com todos os seus encantos e mistérios. Ainda há pouco tive mostra desse seu interesse com o veemente — eu diria mesmo patético — telegrama de referência ao Parque São Bartolomeu.

Dirijo-me, por isso, a v. e, por seu intermédio, à opinião pública de nossa terra (pois desejo dar divulgação a esta carta), reiterando o compromisso da Prefeitura no sentido de proteger o parque no que ele significa, como reserva ecológica, sítio histórico, área de lazer e — não menos importante — santuário dos ritos afro-brasileiros.

O aproveitamento habitacional de pequeno trecho do Parque não desvirtua aquelas finalidades, pois — como bem assinala o "Jornal do Brasil" em sua edição de hoje — "a parte a ser doada representa 50 mil dos 750.000 metros, está fora do centro do culto religioso e completamente depredada, sem resquício de vegetação da mata atlântica".

Dentro dessa ordem de idéias, estamos providenciando o aperfeiçoamento da legislação municipal alusiva ao Parque, ao tempo em que vamos cercá-lo e, em consonância com a Federação dos Cultos Afro-Brasileiros, adotaremos outras medidas administrativas para recuperar mananciais hoje poluídos e disciplinar a utilização do espaço destinado à diversão, tudo com o sentido de preservar o Parque para gozo e devoção do povo desta Cidade, que tanto merece a vigilância de quem, como v., a defende com amor.

Renovo-lhe as expressões da minha amizade e admiração. Renan Baleeiro.

RESPOSTA DE JORGE AMADO:

Bahia, 14 de janeiro de 1982

Caro amigo Renan Baleeiro, muito obrigado pela gentileza da resposta a meu telegrama sobre o Parque São Bartolomeu. Não tenho dúvidas de que, tanto quanto eu, você tem o maior interesse em preservar os valores do Parque São Bartolomeu, sobretudo os da cultura negra.

Por isso mesmo, sei que meu apelo não terá sido em vão.

Confio nas medidas que você anuncia no sentido de "preservar o Parque para gozo e devoção do povo desta cidade".

Muito obrigado pela carta. Receba o abraço amigo do velho Jorge Amado.

N.º 00628

# Salvador

Jornal A Tarde

Edição de 15/01/1984



## ANEXO B - Capa do Livro Morada Sagrada (Suane Mendonça)



Livro Morada Sagrada - Histórias e Lembranças do Parque São Bartolomeu

Autora: Suane Mendonça

Edição 2010.

JORNAL DIÁRIO DE NOTÍCIAS 28-08-1977

## S. Bartolomeu tem Triduo em Pirajá



Figuras totêmicas anunciam a entrada para a cachoeira.

Bem poucas localidades têm o privilégio de Pirajá. Palco das lutas da Independência da Bahia, possui ao lado do Monumento que relembra a figura de Labatut — uma igreja de três séculos e quatro decênios, onde, hoje, se inicia que se estenderão até segunda-feira. Por outro lado, dispõe, no sopé da montanha em que foi implantada, a denominada “Bacia de São Bartolomeu”, área sagrada do Candomblé baiano, onde pessoas de todas as idades, ligadas àquele culto fazem “obrigações” para Xangô, correspondente daquele santo católico no sincretismo religioso. Se a Igreja está abandonada, janelas e portas tomadas por cupins e maribondos, tendo nas proximidades o velho cemitério de muros caídos, a Cachoeira, em sua primeira etapa, transformou-se em ponto de concentração de hippies, batuqueiros e turistas curiosos, a seu modo, do catadal dos cultos tribais.

Jornal O Diário de Notícias

Edição 28/08/1977

## ANEXO D - Parque São Bartolomeu



Agenda Cultural do Subúrbio

Disponível em <http://cipo.org.br/agendaculturaldosuburbio/parque-sao-bartolomeu/>

ANEXO E – Parque São Bartolomeu



Arquivo Pessoal / Luciana Santos 2016